

MARIA JOÃO GOMES

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

mariajoaogomes2@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-4880-1873>

RICARDO CAMPOS

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras¹

rnpmc@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0003-4218-9203>

SOBRE O CAPEAMENTO DE CIPO FUNERÁRIO DA *VILLA* ROMANA DO PORTO DA LAMA, ALCÁCER DO SAL

CONCERNING THE FUNERARY CIPPUS' CAPSTONE OF THE ROMAN *VILLA* OF PORTO DA LAMA, ALCÁCER DO SAL

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 103-119

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_4

Texto recebido em / Text submitted on: 16/10/2024

Texto aprovado em / Text approved on: 30/04/2025

RESUMO: O presente artigo pretende analisar um capeamento de cipo prismático, peça escultórica funerária romana, que foi identificado em Porto da Lama, Alcácer do Sal, e sumariamente publicado no *Ficheiro Epigráfico* 265, de 2024, com o n.º 888. Tendo sido esta publicação original pouco mais que uma nota de descoberta, pretendemos agora apresentar al-

¹ Esta publicação é parte do projeto de I+D+i PID2019-107905GB-I0 financiado por MCIN/ AEI /10.13039/501100011033/.

guns dados e deduções que julgamos pertinentes para uma melhor contextualização, particularmente no que concerne à origem da peça, as suas características e as condições e finalidade do seu transporte para o local onde foi encontrada. Tencionamos demonstrar que foi originalmente talhada nas oficinas lapidares do *ager Olisiponensis*, destinada a uma necrópole familiar nos arredores de *Salacia*.

PALAVRAS-CHAVE: *Salacia*; *Olisipo*; monumentos funerários romanos; escultura romana.

ABSTRACT: This article aims to examine a Roman funerary sculpted piece, a prismatic cippus' capstone, which was identified in Porto da Lama, Alcácer do Sal, and object of brief publication in *Ficheiro Epigráfico* 265, 2024 (with the number 888). Considering that this first approach was little more than a discovery note, we now intend to present some data and conclusions that we consider relevant for its better contextualization, particularly with regard to the origin of the piece, its features, and the conditions and purpose of its transportation to the place where it was found. We intend to demonstrate that it was originally carved in the lapidary workshops of the *ager Olisiponensis* to be placed in a family necropolis on the outskirts of *Salacia*.

KEYWORDS: *Salacia*; *Olisipo*; roman funerary monuments; roman sculpture.

SOBRE O CAPEAMENTO DE CIPO FUNERÁRIO DA *VILLA* ROMANA DO PORTO DA LAMA, ALCÁCER DO SAL

Introdução

Ao longo dos séculos I e II d. C., quando o Império Romano consolidou o seu estatuto e atingiu o seu apogeu, as cidades de *Felicitas Iulia Olisipo* e *Salacia Imperatoria Vrbs* (hoje Lisboa e Alcácer do Sal), situadas na fachada ocidental da Península Ibérica, prosperaram. Tinham diversos pontos em comum: uma estratégica posição portuária, um território rico em recursos naturais e, alicerçada numa longa aculturação orientalizante prévia, uma avançada cultura romana.

Recentemente, a fortuita identificação de uma pedra esculpida, elemento cimeiro de uma monumental sepultura, veio ilustrar esta cultura partilhada, revelando-se um elo de ligação na história das duas cidades.

1. O achado e o seu contexto

Em Porto da Lama (Alcácer do Sal), trabalhos arqueológicos recentes (decorreram entre maio e julho de 2023) permitiram caracterizar parcialmente a *pars urbana* de uma *uilla*, revelando paredes, pavimentos e materiais arqueológicos de cronologia entre o século I e o V d. C., apontando para uma longa diacronia de ocupação. Três divisões da casa tinham chãos de mosaico, destacando-se um painel musivo onde figura uma dinâmica cena mitológica cujos intervenientes são centauros, o qual foi amplamente divulgado na comunicação social e deu mesmo origem a um documentário da autoria de Raul Losada, “A Villa dos Centauros”.

Esta *uilla*, originalmente identificada por Abel Viana em 1948 e danificada pela construção de um canal de rega no início da década

de 50, foi alvo de investigações de campo em meados dos anos 80 por João Carlos Faria, arqueólogo da autarquia, que identificou uma larga área de dispersão de material cerâmico, um peso de lagar, e um marco miliário de Diocleciano e Maximiano, decerto relacionado com uma via próxima que ligaria *Felicitas Iulia Olisipo* a *Liberalitas Iulia Ebora* (ALMEIDA, 2018: 66, fig. 4). Junto ao canal observou muros de compartimentos em que se conservavam ainda estuques de revestimento pintados, tendo também encontrado *tesselae* soltas, brancas e negras (FARIA e FERREIRA, 1986; FARIA, 1998: 33-36).

Em 1986 decorreram trabalhos agrícolas de preparação de uma plantação de tomate numa zona que fica entre cerca de 100 e 200 metros a oés-sudoeste das estruturas escavadas em 2023, e onde existe também material de superfície. No decurso destes trabalhos, perto de um local onde estava a antiga pista de aterragem de aeronaves de trabalhos agrícolas, presentemente ocupado por montado de sobre e pinhal, encontrou-se, a pouca profundidade, o capeamento que ora analisamos, que foi então recolhido e guardado pelos proprietários do terreno, mantendo-se na sua posse. Trata-se de um elemento escultórico pertencente a um monumento funerário compósito vulgarmente denominado cipo prismático, tipologia cujos quatro componentes, talhados em pedra, serão a base, o fuste prismático – grande bloco paralelepipedico no qual se encontra inscrito o epitáfio –, a imposta ou cornija, e o capeamento (CAMPOS, 2019: 113-114). A sua presença neste local é consentânea com a existência de uma área de necrópole da *uilla* romana, e a sua própria situação no terreno é adequada: não demasiado próxima nem demasiado distante da *uilla* que neste específico caso – situada à beira rio (ver FIG. 1) – não tem muitas opções espaciais disponíveis para a implantação do seu campo funerário. Podemos ainda dizer que esta peça comprovará um momento de utilização da necrópole associado à primeira fase da *uilla* romana (séculos I / II d. C.).

É um capeamento de grande dimensão, dentro do usual da tipologia: tem 84 cm de largura nas faces frontal e posterior; 76 cm nas laterais, e altura máxima de 44 cm. Foi esculpido no típico calcário lioz, cujas tonalidades variam entre o amarelado e o rosado, utilizado na enorme maioria dos monumentos funerários romanos em pedra no *municipium Olisiponense* (ver FIGS. 3 a 6). Sem dúvida, é proveniente das pedreiras do *ager Olisiponensis*, provavelmente de um espaço hoje compreendido no concelho de Sintra, em cujas oficinas terá sido talhado.

Está razoavelmente bem conservado, apesar do desgaste causado pela exposição aos elementos ao longo de séculos. Na parte superior tem, no lado esquerdo e direito, os típicos balaústres (*puluini*), cintados a meio por cordame e com volutas nas extremidades. O registo superior da face frontal apresenta simetricamente, dos extremos para o centro, as volutas espiraladas dos topos dos *puluini*, seguidas de dois medalhões decorados com elemento floral ao centro e, como decoração central do *fastigium*, uma palmeta (observando-se na parte superior a escoriação causada pela charrua aquando da descoberta da peça). Um cordão marca a toda a volta a separação entre a decoração superior e a inferior, cobrindo esta última a superfície do plinto que constitui a base do capeamento; na face anterior o motivo consiste num alinhamento de cinco arcos duplos, de simbologia possivelmente análoga à de diversas representações difundidas em monumentos funerários do período romano, geralmente designadas “portas celestes”. A face posterior não é neste momento observável por estar encostada a uma parede, sendo muito possível que repita os motivos da face frontal. Nas faces laterais do plinto apresentam-se alinhamentos de folhas acantizantes, muito comuns neste tipo de elemento funerário.

2. A conjuntura salaciense

É notável que o importante sítio de Porto da Lama se encontre tão próximo de um outro, a *uilla* romana de Santa Catarina de Sítimos, até recentemente com maior divulgação devido às campanhas de escavação que lá ocorreram em 1986, 2006 e 2007 e que, apesar de incidirem sobre áreas reduzidas, revelaram duas secções diferenciadas: uma com uma *natatio* possivelmente ligada a uma estrutura termal e outra com funções produtivas, como se deduz da presença de um provável lagar e expressiva quantidade de fragmentos de *dolia*.

Esta proximidade pode levantar a questão da classificação de ambos os locais como *uillae*, designação, aliás, tantas vezes utilizada de forma genérica, podendo encobrir diferenciações funcionais – tema particularmente pertinente em áreas com a vitalidade e complexidade do território circundante de *Salacia*.

De facto, as estruturas romanas de Porto da Lama e Santa Catarina de Sítimos situavam-se um pouco a montante de *Salacia*, na mesma

margem de um largo esteiro que desaguava no Sado (também ele então bastante dilatado relativamente ao rio de hoje em dia – ver FIG. 1). Porto da Lama ficava a cerca de 6 km de barco rio acima desde a referida cidade. A partir daí, uma caminhada junto ao rio de cerca de 2 km para leste levaria a Santa Catarina de Sítimos.

Há muito que está bem estabelecida a importância de Alcácer do Sal enquanto cidade portuária, ligada ao comércio marítimo em larga escala, ao longo de uma extensa diacronia cujo início em muito antecede a presença romana, sucedendo *Imperatoria Salacia* a um relevante porto orientalizante (MANTAS, 2024: 73). Seria um importante entreposto comercial no qual circularia uma grande quantidade de produtos (FARIA, 2016: 52, 65, 125), estando esta função comercial marítima, sem dúvida, estreitamente ligada ao desenvolvimento da cidade, nas suas dimensões social e física (MANTAS, 2022: 386; MANTAS, 2024: 78). É evidente também o vigor do seu entorno em época romana, sendo muito numerosos os vestígios que se encontram nas suas imediações, testemunhando diversificados tipos de labores suburbanos. Vários outros estabelecimentos – incluindo sem dúvida grandes *uillae* – estendem-se num raio mais alargado. A observação de uma preliminar abordagem para a criação de uma carta arqueológica (FERREIRA *et al.*, 1993), hoje sem dúvida por completar com novos dados, demonstra bem a quantidade de locais que aguardam uma investigação mais aprofundada.

Independentemente da deficiente caracterização de muitos destes, faz sentido que haja, de facto, uma grande quantidade de *uillae*. Embora Mantas (2024: 96) ponha a hipótese, a partir da repetição de cargos oficiais, de que a elite local não fosse muito numerosa, a verdade é que a variedade e intensidade de explorações de recursos exigem que consideremos uma presença sólida de famílias de comerciantes e negociantes, que teriam sem dúvida os seus espaços rurais privilegiados nos campos circundantes da cidade, ainda mais observando a suposição colocada pelo mesmo autor de que *Salacia* fosse, no seu auge, o centro administrativo de um complexo portuário triplo, incluindo pois *Caetobriga* e Tróia (MANTAS, 2024: 74).

Podemos enumerar alguns dos pontos mais próximos de Porto da Lama e de Santa Catarina de Sítimos que maiores possibilidades apresentam de serem considerados *uillae* (com base na referida publicação de FERREIRA *et al.*, 1993). Todos teriam uma excelente interligação flu-

vial, uma vez que se encontram à beira rio. Assim, logo a jusante de Alcácer, haveria possivelmente uma *uilla* na Herdade dos Frades, onde se descobriram *tesselae* soltas, *opus signinum* e diversos restos cerâmicos. Já entrando para o grande esteiro onde se encontra Porto da Lama, há uma área ampla com abundante material cerâmico, decerto também local de habitação, no Olival de Nossa Senhora de Aires. Na margem em frente, também o local denominado Barrosinha 2 está classificado como *uilla* com necrópole. E, mais acima, perto de Santa Susana, junto a um curso de água que desagua no esteiro, está o local da Portagem, com uma grande extensão de dispersão de materiais, bem como vestígios de edificações à superfície.

3. A procedência olisiponense

A epigrafia salaciense do período romano é, em geral, de muito boa qualidade de execução e de gravação, constando em trabalhos profissionais por parte de lapicidas qualificados. A geologia de Alcácer do Sal não é adequada à obtenção de suportes epigráficos apropriados (FARIA, 2016: 21), razão pela qual as epígrafes são geralmente inscritas em mármore provenientes das excelentes pedreiras do Alentejo, nomeadamente Estremoz – Vila Viçosa ou Trigaches. Nesse ponto, a peça focada pelo presente estudo foge à regra, uma vez que é também importada, mas do *ager* de *Olisipo*.

Este capeamento encontrado no território de *Salacia* tem a particularidade de estar entre os de maiores dimensões produzidos no *municipium Olisiponense*. Considerando que a sua largura e comprimento seriam iguais às do fuste prismático epigrafado correspondente, e estabelecendo comparações com os exemplares conhecidos, resulta que este teria provavelmente 1,50 m a 1,60 m de altura. O monumento funerário compósito original, no seu conjunto formado por base, fuste, imposta e capeamento, teria uma altura total que deveria rondar os 2,70 m. Esta noção é significativa, uma vez que nos permite deduzir a importação, a partir de *Olisipo*, de um grande monumento – não parece de todo verosímil que se mandasse vir apenas o capeamento –, que terá chegado sem dúvida por via marítimo-fluvial. Este episódio é coerente com o cenário que as descobertas arqueológicas têm consolidado em Alcácer do Sal: um meio muito romanizado, com amplas e diversificadas oportunidades de

negócio, e fixação de elites abastadas, igualmente muito romanizadas, e de origem alógena (MANTAS, 2024: 92), com *uillae* luxuosas pontilhando as terras subsidiárias de *Salacia* e adjacentes ao largo rio que facilitava a chegada e, sobretudo, a partida de variados bens comerciais e outros (FABIÃO et al., 2024; BOMBICO e MAGALHÃES, 2025). Assim, podemos concluir que a presença deste capeamento indica um episódio de preferência, por parte de um indivíduo com recursos – decerto proprietário da *uilla* de Porto da Lama –, por uma sepultura monumental como as que existiam nas necrópoles do *municipium Olisiponense*.

Outra sepultura semelhante percorreu boa parte do mesmo caminho: o cipo prismático de *Galla* (CARDIM-RIBEIRO, 2002), datável de finais do séc. I / inícios do séc. II, igualmente em lioz, descoberto *in situ* em Tróia de Setúbal em finais do séc. XIX, que partilharia a mesma tipologia genérica, embora no seu caso tivesse sido provavelmente encimado por uma estátua e não um capeamento. Dele chegaram aos nossos dias, porém, base, fuste e imposta, que ainda cobriam a sepultura cinerária intacta (VASCONCELLOS, 1929).

Estes casos poderão não ter sido fenómenos pontuais, havendo feito parte de regulares trocas dos diferentes bens comerciais dos dois grandes estuários do Tejo e do Sado, sendo também necessário levar em conta que durante a vigência de Cláudio a rota marítima atlântica passou a ter uma enorme importância, o que veio evidentemente incrementar a relevância de *Olisipo* mas também, por certo, a de *Salacia*, cidade também ela com amplos recursos que seriam exportados por via marítima (MANTAS, 2024: 80).

Entre estes bens comerciais o lioz apresenta-se como alternativa ao mármore do eixo Estremoz-Vila Viçosa, podendo haver outra razão além da puramente “estética” para a opção pelas oficinas olisiponenses na escolha de uma tal sepultura. A pedra ornamental alentejana seria transportada desde os seus locais de produção até *Salacia* pela via XII, que interligava *Olisipo* e *Augusta Emerita* (e cujas diversas propostas de traçado são analisadas em ALMEIDA, 2017). Ora o fuste prismático da monumental sepultura à qual correspondia o capeamento que aqui analisamos teria, por si só, um peso que facilmente ultrapassaria as duas toneladas. Parece inegável que seria muito mais viável (e financeiramente suportável) o transporte marítimo de um tal bloco a partir do porto olisiponense, inserido em regulares logísticas comerciais, do que por via terrestre ao longo de mais de cem quilómetros de estrada.

E, na verdade, a distância até *Olisipo*, sobretudo por via marítima, nem é particularmente grande. Existe um cipo em lioz (LAMBRINO, 1960), com 106 cm de altura e 54 cm de largura, proveniente também sem dúvida das pedreiras do *ager Olisiponensis*, que foi igualmente encomendado, mas para paragens bem mais distantes: encontra-se hoje em dia encastrado numa parede exterior da igreja matriz de Fermedo, Arouca. Foi certamente feito numa oficina em território olisiponense e depois transportado por mar numa viagem de cerca de 250 km, ao que se terá seguido uma deslocação por terra (encontra-se hoje a cerca de 20 km da costa). A sua epígrafe não deixa margem para dúvidas quanto à antiguidade da sua viagem para as terras nortenhas – imediatamente após o seu fabrico –, nem quanto à sua ligação a *Olisipo*: *Laetus Caturonis f(ilius) / Auiobrigensis h(ic) s(itus) e(st) / an(norum) XXIIIX Niger / frater ex testamento / faciendum curauit / arbitrato Q(uinti) Laberi(i) Exorati / Olisipone(n)sis* (“*Laetus*, filho de *Caturus*, natural de *Auiobriga*, está aqui sepultado, aos 28 anos de idade. *Niger*, o irmão, mandou fazer de acordo com o testamento. Tratado por *Quintus Laberius Exoratus*, olisiponense”). Este último tem *tria nomina* com paralelos na onomástica do seu município, inclusivamente entre membros de elevado estatuto; entre os *Laberii* aqui conhecidos temos, como exemplos, na zona de Odrinhas, a estela de *Holumpus*, escravo de *M(arcus) Lab(erius)* (CARDIM-RIBEIRO, 2001), ou o grande cipo prismático de *Laberia Procula* (CIL II 5020). Quanto ao *cognomen*, na ermida de São Romão, Sintra, apareceu um monumento funerário em forma de ara pertencente a um flâmine de Vespasiano denominado *P(ublius) Staius Exoratus* (CARDIM-RIBEIRO, 1982-1983: 227-234).

Os cipos prismáticos não seriam, aliás, desconhecidos nas paragens setentrionais, pelo menos no séc. II, a julgar por um particular conjunto de monumentos em granito identificado numa área mais interior, junto a Miranda do Douro, ligados aparentemente a membros das elites de ascendência indígena, com estatuto de cidadania (REDENTOR, 2019).

4. Os cipos prismáticos de *Olisipo*

Os cipos de *Olisipo* aos quais podemos fazer corresponder este tipo de capeamento têm cronologia, determinada através de critérios epigráficos, a partir de finais do séc. I e ao longo do séc. II, embora

possam existir alguns exemplares de datação mais recuada, caso do monumento do militar *Albanus Prudens* (LE ROUX, 1982: 177, n.º 19), de São Miguel de Odrinhas, Sintra, datável de meados do séc. I.

Encontra-se por fazer (estando, todavia, em curso) um estudo sistemático e em dia dos capeamentos do *municipium Olisiponense*. Subsistem mais de três dezenas, em melhor ou pior estado, além de pedaços diversos de menores dimensões. Fácies locais são verificáveis, bem como subtipos, já outrora abordados por Carlos Vieira (1998; 2000), após uma primeira observação de conjunto por Gustav Gamer (1989). Lídia Fernandes, que publicou diversos estudos em que são incluídos estes capeamentos, alude já à grande quantidade de exemplares encontrados na região de Sintra, particularmente na aldeia do Faião (FERNANDES, 2011: 283). E, de facto, tal não é uma anomalia inexplicável: a mesma situação verifica-se relativamente às demais tipologias de monumentos funerários romanos em pedra do território de *Olisipo*. A riqueza epigráfica de Odrinhas – Faião (que acaba por ser a causa da localização do museu de arqueologia de Sintra) não tem paralelo no restante – e extenso – território do *municipium Olisiponense* fora do centro urbano de *Felicitas Iulia Olisipo* propriamente dito. Esta situação explicar-se-á pela existência de um *uicus* importante, sem dúvida ligado ao *pagus marmorarius* situado na área de Faião – Armés (CARDIM-RIBEIRO, 2012: 292; 2013: 358-362; Campos, 2018). A grande quantidade de indivíduos que aí viviam estaria em grande medida ligada à exploração e ao subsequente trabalho do lioz, sendo das oficinas locais que terão saído muitas das peças que foram então levadas para *Olisipo* e outras localidades bem como, naturalmente, as que pela própria zona ficaram. Embora não seja impossível que o capeamento encontrado em Porto da Lama fosse proveniente de outra área olisiponense, como São Domingos de Rana (as decorações acantizantes dos capeamentos de Cascais parecem, todavia, evidenciar diferente oficina), julgamos muito provável que esteja no Faião a sua origem, e não apenas por motivos puramente estatísticos (VIEIRA, 2000: 601, escreve mesmo sobre a arte funerária do *municipium* que a bolsa “que se desenvolveu a partir do eixo Odrinhas – Faião permitiu a propagação de uma arte de características vincadamente regionais.”). Na verdade, alguns destes capeamentos apresentam tais semelhanças de decoração e execução geral que a comum proveniência de fabrico parece inegável. São, notavelmente, os casos de alguns exemplares de Lisboa, de um encontrado na Póvoa de Santo Adrião, Odivelas, e sobretudo de um largo

grupo espalhado pelas regiões de Sintra e Mafra, indubitavelmente centrado no Faião. A observação das dimensões e das decorações do capeamento do *ager* salaciense leva-nos a concluir ser praticamente certo que ele tenha saído da mesma oficina lapidária de vários destes capeamentos do Faião, nomeadamente os de idêntico subtipo específico, como os que estão expostos no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas com as referências F/LR/55/2, F/LR/55/3 e F/LR/80/2. Apesar de estes se apresentarem mutilados, é claro que com aquele partilham a decoração, nomeadamente o cordame perimetral e as folhas acantizantes. Estas mostram em todos uma grande semelhança formal, embora cada um dos exemplares possa ter sido esculpido por um artesão distinto dentro da oficina lapidária – a grande quantidade de elementos de cipos prismáticos que a nós chegaram comprova a popularidade do formato, que teria por certo significativa procura. Apenas um destes mencionados do Faião – F/LR/55/3 – partilha o motivo das “portas celestes” (presentes, porém, em outros fragmentos ou subtipos do Faião e zonas adjacentes). E muito apesar de esta decoração particular assumir diversas variantes – mesmo no relativamente reduzido universo iconográfico dos capeamentos olisiponenses –, neste caso, contudo, a semelhança é total (ver FIG. 7).

Conclusão

Considerando todo o exposto, podemos propor como cenário plausível que, na parte final do séc. I ou no séc. II, um membro da elite de *Salacia*, culturalmente muito romanizado, era proprietário de uma *uilla* que já então existiria no Porto da Lama, à beira de um então largo afluente do Sado, no âmbito de um rico território no qual se desenvolviam empreendimentos económicos aos quais estava ligado. Próxima desta sua *uilla* encontrava-se a sua necrópole familiar, porventura estendendo-se ao longo da via *Olisipo-Ebora* que por ali passava, ou do caminho que a ela levaria. Com o fito de honrar na morte algum membro proeminente da sua família, para essa necrópole destinou um imponente monumento funerário que mandou fazer nas oficinas marmorárias das pedreiras dos campos olisiponenses e que, uma vez pronto, veio de barco, navegando uma distância de cerca de 150 km até chegar ao seu destino. Cerca de dois mil anos depois, desaparecida a necrópole, desaparecido o grande fuste prismático com o epitáfio ins-

crita e as respetivas base e imposta, surge-nos enfim esta peça perdida, a permitir-nos reconstituir esta história.

Bibliografia

CIL = Hübner, 1869

- ALMEIDA, Maria José de (2017) – Uma estrada a atravessar fronteiras na investigação: o estudo sobre a via entre *Augusta Emerita* e *Olisipo* por *Ebora*, in NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. – *Lusitania Romana: del pasado al presente de la investigación: Actas IX Mesa Redonda Internacional de Lusitania (Museo Arqueológico Nacional, 29-30 septiembre 2016)*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 255-273.
- ALMEIDA, Maria José de (2018) – Entrar e sair de *Olisipo* vindo de, ou a caminho da, capital, in SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina; CAESSA, Ana; MARQUES, António; CAMEIRA, Isabel, eds. – *Meios vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 62-70.
- BOMBICO, Sónia; MAGALHÃES, Ana Patrícia (2025) – A água como elemento integrador da paisagem produtiva no território de *Salacia*: uma análise a partir das olarias romanas de Alcácer do Sal (Portugal), *Agua y Territorio*, 25, pp. 95-117.
- CAMPOS, Ricardo (2018) – *Ilurbeda*: a ara do Faião (Sintra, Portugal), *Palaeohispanica*, 18, pp. 25-40.
- CAMPOS, Ricardo (2019) – A diversidade dos monumentos funerários no *ager Olisiponensis*, in CAESSA, Ana; CAMPOS, Ricardo, eds. – *Lisboa Romana, Felicitas Iulia Olisipo: Os monumentos epigráficos*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa & Ed. Caleidoscópio, pp. 99-117.
- CARDIM-RIBEIRO, José (1982-1983) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Iulius Maelo Caudicus*, *Sintria*, I-II, pp. 151-476.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2001) – Análise de uma epígrafe dos *agri olisiponenses à luz do epigrama LXXXIV de Catulo*, in GORGES, Jean-Gérard; NOGALES BASARRATE, Trinidad, coord. – *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*, Mérida, pp. 361-378.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2002) – 282 – Cipo prismático, de *Galla*, in CARDIM-RIBEIRO, José, ed. – *Religiões da Lusitânia* – Loquuntur Saxa, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 543-544.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2012) – A re-interpretação de monumentos epigráficos em contextos secundários e as inscrições de Sintra (Portugal): o polissémico caso da grande tábula dos *Aelii* (*CIL* II 267) [Parte 2], *Veleia*, 29, pp. 279-303.
- CARDIM-RIBEIRO, José (2013) – Ptolomeu, *Geogr.* II, 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? in PIMENTEL, Maria Cristina; ALBERTO, Paulo Farmhouse, eds. – *Vir Bonus Peritisimus Aequae. Estudos de Homenagem a Arnaldo Espírito Santo*, Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, pp. 343-379.
- FABIÃO, Carlos; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Rui Roberto de; PINTO, Inês Vaz (2024) – Rios da Lusitânia Meridional como meios de difusão de importações cerâmicas,

- in Los cursos fluviales en Hispania, vías de comercio cerâmico: Actas del VI Congreso Internacional de la SECAH – Monografías Ex Officina Hispana* 6, Zaragoza, pp. 165-192.
- FARIA, João Carlos Lázaro (1998) – *Subsídios para o estudo da romanização no curso inferior do Sado* [Texto policopiado], Porto: Tese de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Porto.
- FARIA, João Carlos Lázaro (2016) – *Alcácer do Sal ao tempo dos romanos*, 2.^a ed., Lisboa: Colibri / Alcácer do Sal: Câmara Municipal de Alcácer do Sal.
- FARIA, João Carlos Lázaro e FERREIRA, Marisol Aires (1986) – Porto da Lama, uma importante estação arqueológica da época romana do concelho de Alcácer do Sal, *Movimento Cultural*, 2, 3, p. 7476.
- FERNANDES, Lúcia (2011) – A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 14, pp. 263-311.
- FERREIRA, Carlos Jorge Alves; SILVA, Carlos Tavares da; LOURENÇO, Fernando; SOUSA, Paula (1993) – *Património Arqueológico do Distrito de Setúbal – Subsídios para uma carta arqueológica*, Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.
- GAMER, Gustav (1989) – *Formen römischer Altäre auf der Hispanischen Halbinsel*, Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern.
- HÜBNER, Emil (1869) – *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlim: apud Georgium Reimerum.
- LAMBRINO, Scarlat (1960) – Le nom Aefus et la cité d'Avobriga en Lusitanie, *Bulletin des Etudes Portugaises*, XXII, pp. 5-20.
- LE ROUX, Patrick (1982) – *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409*, Paris: Diffusion de Boccard.
- MANTAS, Vasco Gil Soares (2022) – Imperatoria Salacia, in NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. – *Ciudades romanas de Hispania II: Cities of Roman Hispania II*, Roma / Bristol: «L'Erma» di Bretschneider, pp. 385-396.
- MANTAS, Vasco Gil Soares (2024) – Aspectos e problemas de uma cidade comercial lusitana: *Imperatoria Salacia* e os seus portos, *Anas*, 37, pp. 73-100.
- REDENTOR, Armando (2019) – *Observações sobre os cipos prismáticos da epigrafia funerária romana da área mirandesa*, Miranda do Douro: Município de Miranda do Douro.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1929) – Sepultura de Galla, *O Archeologo Português*, XX-VIII, pp. 52-60.
- VIEIRA, Carlos Jorge Canto (1998) – *Capitéis de ara do Municipium Olisiponense* [Dissertação final de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2 volumes].
- VIEIRA, Carlos Jorge Canto (2000) – Capitéis de ara do *Municipium Olisiponense* de tipologia acantizante, in JORGE, Vítor Oliveira, coord. – *Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica*, Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 6, Porto: ADECAP, pp. 601-616.

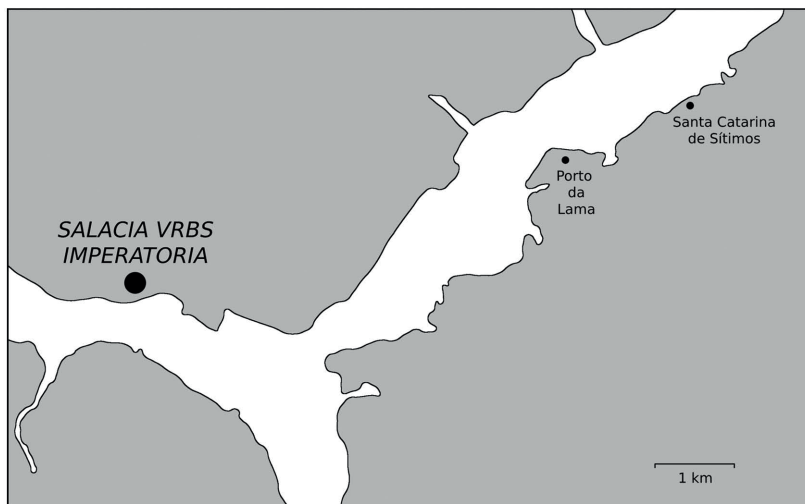


FIG. 1 - Localização dos vestígios arqueológicos da domus da uilla romana do Porto da Lama (reconstituição das margens fluviais de época romana – imagem da autoria de RC).



FIG. 2 - Localização aproximada do local do achamento do cipo prismático, com as coordenadas 38°23'13.6"N 8°27'07.0"W (a partir de imagem do Sistema de Informação Geográfica da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, ortofotografia de 2018).



FIG. 3 - Capeamento de cipo funerário identificado a oés-sudoeste da domus da uilla romana do Porto da Lama (fotografia de MJG).



FIG. 4 - Vista de cima do capeamento de cipo funerário (fotografia de MJG).



FIG. 5 - Face frontal do capeamento de cipo funerário pertencente à uilla romana do Porto da Lama (fotografia de MJG).



FIG. 6 - Face lateral do capeamento de cipo funerário pertencente à uilla romana do Porto da Lama (fotografia de MJG).



FIG. 7 - Decorações presentes nos exemplares do Faião referidos no texto
(fotografias de RC).

